

A Bíblia como obra literária. Hermenêutica literária dos textos bíblicos em diálogo com a teologia

Prof. Dr. Antonio Magalhães^[1] (UEPB)

Resumo:

Traduções de obras de importantes críticos literários (Robert Alter, Northrop Frye, Harold Bloom) e publicações na Alemanha ainda não traduzidas (Jan Assmann, Hans-Peter Schmidt) retomam o tema da relação entre Bíblia e Literatura e a Bíblia como obra literária. Minha contribuição no simpósio Teologia e Literatura: Estudos Comparados é a de sistematizar estes textos, apresentar suas convergências e principais divergências e concluir com uma reflexão sobre a relação entre teologia e literatura a partir do papel e da importância da Bíblia como obra basilar da literatura ocidental.

Palavras-chave: Bíblia, literatura, teologia, hermenêutica

Introdução

As presentes reflexões originam-se de leituras sobre textos publicados/traduzidos nos últimos anos acerca da relação entre religião monoteísta e literatura e da Bíblia como obra literária. Dentre as publicações destaco a *Schicksal-Gott-Fiktion. Die Bibel als literarisches Meisterwerk* (2005), de Hans-Peter Schmidt, *Schrift und Gedächtnis. Archäologie der literarischen Kommunikation* (2004), de Jan Assmann/Aleida Assmann e Christian Hardmeier e *Die Mosaische Unterscheidung oder Der Preis des Monotheismus* (2003), de Jan Assmann, além dos textos de Harold Bloom, *O livro de J* (1992), *Jesus e Javé. Os nomes divinos* (2006), de Jack Miles, *Deus. Uma biografia* (1997) e *Cristo. Uma crise na existência de Deus* (2002), de Robert Alter, *A arte da narrativa bíblica* (2007), de Northrop Frye, *Código dos Códigos. A Bíblia e a Literatura* (2004). Apesar da grande diversidade existente entre estes autores sobre os textos escolhidos para a aplicação de suas teorias, cuja diversidade de pressupostos hermenêuticos também é algo a ser notado, todos têm em comum algumas teses: 1) A Bíblia é interpretada como obra literária, o que implica em lê-la a partir das teorias literárias apropriadas, levando em conta tramas, personagens, estética, densidade narrativa, etc. Obviamente esta abordagem ou se distancia de pressupostos teológicos confessionais, cuja característica central é o uso do texto bíblico para a confirmação de determinadas crenças da religião ou dialoga com a tradição teológica enquanto tradição hermenêutica, responsável por parte da história da hermenêutica no ocidente. A rejeição ao trabalho teológico ou a inclusão da hermenêutica teológica se dá sempre a partir de teorias literárias específicas, tendo como base a Bíblia como obra literária; 2) A Bíblia é lida em sua pluralidade de narrativas, mas a partir de certa continuidade que existe nas "biografias" de seus personagens, algo importante para boa parte da literatura. Um dos pressupostos é que a Bíblia é rica e plural. Nela não encontramos personagens repetitivos, todos são marcados pela intensidade e pela diversidade de ações. Mas isto não tira certa continuidade, o que faz parte das técnicas narrativas sobre personagens: eles podem oscilar em sua trajetória, mas sempre haverá continuidades; 3) A Bíblia é considerada obra basilar da literatura ocidental, emprestando-lhe temas, técnicas, personagens fortes, tramas sucintas – ao contrário de outra obra basilar da literatura ocidental, os textos de Homero, pelo fato de serem detalhistas em suas tramas -mas cheias de suspense e criatividade. Aqui vale a comparação feita por Auerbach ao comentar um texto bíblico sobre Davi e Absalão:

"Em Homero seria inimaginável uma multiplicidade de planos nas situações psicológicas como a que é mais sugerida do que expressa na história da morte de Absalão e no seu epílogo. (...) O mais importante, contudo, é a multiplicidade de camadas dentro de cada homem; isto é dificilmente encontrável em Homero, quando muito na forma da dúvida consciente entre dois possíveis modos de agir; em tudo o mais, a multiplicidade da vida psíquica mostra-se nele só na sucessão, no revezamento das paixões; enquanto que os autores judeus conseguem exprimir as camadas simultaneamente sobrepostas da consciência e o conflito entre as mesmas." (AUERBACH, 2004, p. 10)

De opinião semelhante é Alter: "Habitados que somos à leitura de narrativas em que se faz uma especialização muito mais densa dos dados ficcionais, temos de aprender, como demonstraram Perry e Sternberg, a reparar com mais sutileza na complexidade e na economia de detalhes expressivos do texto bíblico." (ALTER, 2007, p. 40). 4) Deus é personagem literário, que, como qualquer outro personagem, cresce ou diminui à medida que dialoga com outros personagens. O importante aqui é explorar a densidade deste personagem em diálogo com outros. Ele pode crescer ou diminuir conforme as falas e as interlocuções, podendo até mesmo significar que a emancipação das personagens humanas esteja intimamente atrelada ao desaparecimento de Deus em algumas das narrativas bíblicas. Uma das técnicas de composição deste personagem foi a inclusão de identidades de outros personagens divinos em um único: o Deus de Israel.

"Um crítico literário que conhece a obra deles pode projetar essa multiplicidade objetiva no caráter do Senhor Deus enquanto protagonista literário, transformando imaginativamente as inconsistências observadas no conflito interno experimentado por Deus. Dessa forma, a emergência do monoteísmo a partir do politeísmo pode ser recuperada para a literatura como a história de um Deus único em luta consigo mesmo. (...) Se a Bíblia é, ao fim das contas, uma obra de literatura, essas personalidades históricas distintas devem ser projetadas no – e depois novamente separadas do – Deus único, o *monos theos*, que ganhou existência quando se fundiram. Depois que Deus tiver sido compreendido em sua multiplicidade, terá de ser, em resumo, novamente imaginado em sua unidade esgarçada e difícil." (MILES, 1997, p. 34)

De opinião semelhante é Bloom: "Se a história da religião é o processo de escolha de formas de adoração a partir de fábulas poéticas, no Ocidente essa história é ainda mais extravagante: ela é a adoração, em formas amplamente modificadas e revistas, de um personagem literário extraordinariamente inconstante e estranho, o Yalweh de J." [2] (BLOOM, 1992, p. 24)

1. Obstáculos à compreensão da Bíblia como Literatura

Os obstáculos não existem nos autores de literatura, mas em muitos lugares da crítica literária e da teoria literária assim como no campo da teologia. A história da literatura tem páginas significativas do diálogo entre texto literário e textos bíblicos e parte da literatura e é reescritura dos textos da Bíblia. Há, porém, alguns obstáculos no campo do estudo do texto literário e na teologia e os motivos não podem ser ignorados. O primeiro motivo é que a Bíblia foi vista, por alguns, como livro da instituição religiosa e não como livro da cultura e de processos civilizatórios complexos. Nesta pré-compreensão teológica ou confessional dos textos, como se ali fosse seu único reduto hermenêutico permitido, encontramos um dos principais fatores que obstaculizam o grande trabalho de crítica e teoria literária sobre o papel da Bíblia no desenvolvimento da literatura ocidental. Esta dificuldade existe de ambos os lados, seja pelos que se consideram guardiães da Bíblia como livro sagrado e inspirado, seja pelos que se consideram defensores de uma crítica literária que não

reconhece o tema da religião como constitutivo e estruturante de parte da literatura ocidental. Normalmente pessoas que lêem a Bíblia somente com a visão teológica ou de suas confissões não se permitem reconhecer a variedade existente no texto bíblico. Priorizam o olhar doutrinário e unívoco, não a polissemia e oscilação dos personagens e das tramas. Assim como há críticos literários que preferem evitar o tema da religião como se isto significasse a perda ou o comprometimento da obra literária.

Do lado teológico, percebemos a ideologia da confessionalidade em ação na tradução de textos bíblicos, muitas vezes gerando ocultamento da polissemia e intensidade dos textos, dando a impressão de univocidade e monotonia dos personagens bíblicos.

Do lado da crítica literária e da teoria literária, não podemos deixar de constatar que cursos de letras normalmente não incluem a Bíblia entre os clássicos, desconhecem e formam desconhecimento da Bíblia como fonte da literatura mundial. O contexto brasileiro é uma prova deste distanciamento da Bíblia como literatura. Ainda há poucos estudos sobre a relação entre Bíblia e Literatura no Brasil quando comparamos a outros clássicos da literatura antiga, como é o caso de Homero.

Os obstáculos não residem nas interdiscursividades e intertextualidades entre o texto bíblico e muitos textos da literatura ocidental, mas residem nos domínios ideológicos sobre o saber, em hermenêuticas teológicas restritivas e em crítica e teoria literária carente de maior diálogo com o texto bíblico.

2. Algumas características da Bíblia como literatura

De forma bastante resumida, destaco algumas características da Bíblia como literatura. Em primeiro lugar, é importante identificar a relação entre narrativa literária e modos teológicos, quer dizer, o literário da Bíblia não pode ser compreendido em profundidade sem que se leve em consideração que a narrativa é constituída por concepções religiosas e teológicas. Neste caso, é mais importante o campo de relações entre religião/teologia e literatura que a visão de causa e efeito, segundo a qual ou a genialidade estética criaria a religião ou a religião, quase que por acaso, criaria a literatura. Não é possível nem desejável estabelecer uma diferença abissal entre o que é teológico e o que é literário na Bíblia, pois os âmbitos se confundem, interagem de forma densa e complexa. Seria a mesma coisa se quiséssemos estabelecer a diferença nítida entre mito religioso e mito literário em Homero.

Em segundo lugar, é importante considerar o texto dentro de uma complexa totalidade artística permeada de sutilezas e economia de detalhes. Os textos bíblicos são sucintos, quando comparados a outros considerados fundamentos da literatura ocidental, como é o caso dos textos de Homero. A riqueza da Bíblia como obra literária reside, portanto, mais na complexidade e intensidade de tramas e personagens que na narração prolixa e detalhista. Grandes histórias bíblicas como Esaú e Jacó, José e seus Irmãos, Caim e Abel, são narradas de forma curta, ao mesmo tempo primam pela complexidade e intensidade. A divisão estabelecida por Frye, teórico literário, sobre os usos da linguagem, o uso poético, o uso alegórico e o descritivo, defende que na Bíblia temos um novo uso: o proclamativo, o que caracterizaria a intensidade das tramas e personagens, tendo como objetivo incluir o leitor nos temas e nas opções. O texto seria, portanto, sucinto porque caracterizado por um grande apelo a que o leitor crie a sua própria história a partir da história contada.

Em terceiro lugar, ao contrário da leitura estritamente teológica, que é retrospectiva e que busca a reconstrução dos dados a partir de um sistema de idéias normativas, a linguagem bíblica é também literária no sentido de ser marcada pela tensão e oscilação de personagens, o que sugere que estes podem crescer, serem alterados no decorrer das narrativas. Em vez da imutabilidade de um Deus, o que temos é um personagem constante, mas mutável. O Deus único, por exemplo, é de certa forma, a convergência de várias divindades, estas personagens ocultas muitas vezes na superfície dos textos, mas constitutivas das identidades do personagem Deus.

Em quarto lugar, na Bíblia hebraica temos uma progressão de dependência, interdependência e independência dos personagens humanos em relação ao divino. É possível identificar estes conflitos entre personagens humanos e Divino, em alguns casos até mesmo o desaparecimento de Deus para a emergência de personagens humanos.

3. Religião do livro e literatura

É preciso lembrar que a Bíblia hebraica – o chamado Antigo Testamento –, a Bíblia Cristã, assim como o Alcorão não nascem em qualquer religião. Nascem em religiões monoteístas, grandes artífices da herança literária que o ocidente e o oriente possuem. Daí que a pergunta sobre o papel da escrita e da literatura no monoteísmo é de relevância maior no estudo da relação entre Bíblia e literatura.

A Escrita foi descoberta para que? Para guardar dados que não podem simplesmente ser guardados pela memória humana, tais como rituais, obrigações, cronologias, origens; ela propicia o cultivo de certa prosa da vida, sem a qual nenhuma economia seria construída, nenhuma massa humana poderia ser organizada e nenhum Estado seria erigido. A poesia tinha, ao contrário, um lugar seguro na memória e não precisava da escrita. Demorou séculos, talvez milênios, até que a poesia descobriu o meio da escrita para si. Isto foi a hora do nascimento da literatura. Claro que estamos acostumados a ver a poesia como parte ou base da literatura, mas não podemos esquecer que a poesia existiu bem antes do conjunto de textos que formam hoje o que chamamos de literatura. A poesia foi uma das primeiras grandes articulações da linguagem humana. A escrita é, portanto, um desenvolvimento do poder narrativo do ser humano, acompanhado da necessidade de preservar memórias, de estar no mundo e olhar sobre ele.

Na mídia da transmissão oral repousa a memória cultural da sociedade e da forma segura da repetição, nos ritos e festas da atualização coletiva do extra-cotidiano; na mídia da escrita a memória cultural se emancipa das obrigações da repetição e da expectativa coletiva e abre-se ao novo e ao indivíduo. O específico da literatura não repousa nas formas da língua, no formal, na beleza da linguagem e da fundamentação lingüística formal: tudo isto é meio do qual se serve a memória para estabilização e transmissão. O específico da literatura repousa antes de tudo na inovação, no individual, na emancipação. Para isto ela precisa da escritura: para fazer ir além do que é dado e fazer valer o individual, o não-coletivo, o não-ouvido.

Isto não é conquistado somente com a memória e com as formas seguras da repetição ritual. Somente com a mídia da escrita, que ao ficcional empresta um caráter de objetividade, uma sistematização ficcionalizada do mundo, é que origina-se o específico literário da ficção. A literatura herda todas as características da memória cultural organizada oralmente, o estético, o ficcional, o extra-cotidiano, e avança de forma violenta numa passo decisivo da história humana. Na literatura a vida humana se torna a aventura aberta do pensamento e da narrativa. De certa forma, talvez dito de forma exagerada, a literatura é ruptura da tradição. A literatura nasceu do espírito da escritura. O espírito da escritura, para se clarear isto novamente, é o espírito da inovação, da ruptura, da emancipação do rito e das formas seguras da repetição.

A tese fulminante de Hans-Peter Schmidt diz que a religião bíblica, o monoteísmo, nasceu do espírito da literatura. Isto é muito mais do que a Escritura. De certa forma podemos advogar a idéia de que há uma relação intrínseca entre monoteísmo e a escrita/escritura de um lado e paganismo e oralidade do outro (SCHIMDT, 2005, 13). Todas as religiões monoteístas são religiões do livro e se baseiam num cânon das sagradas escrituras. Nas religiões pagãs existem ao contrário disto ritos e festas como ponto central. Esta diferença já foi assinalada até mesmo por Flávio Josefo, historiador judeu, no século I d. C.

A literatura significa bem mais que uma libertação do ciclo da repetição. Ela liberta da imediatez da compreensão, possibilita releituras infindas, cria uma rede de relação variada por meio

de subtextos e tradições, destaca o significado das palavras por meio de ironia e ambivalência, cria orientação e instabilidade por meio dos conselhos e interpretação variada e faz emergir mundos do texto, que, segundo Hans P. Schimdt correspondem à fala da complexidade do ser humano.

A literatura é a mídia de conquista da distância e da libertação pessoal dos cerceamentos da realidade dada. É na literatura que encontramos a transformação de uma mídia do armazenamento de dados e informações em mídia da emancipação. O texto abre o processo hermenêutico, não o fecha. Não é a escrita em si, mas a escrita literária. Segundo esta tese, "A literatura é a única possibilidade que o mundo tem de olhar para si. Na forma da literatura o ser humano e a sociedade humana se colocaram um olhar com o qual eles mesmos se observam e respondem à pergunta pela razão da existência da vida humana no mundo, e isto de forma monumental, repleto de sentido e de atribuição de significados. Enquanto o mito apresenta uma forma de modelação do mundo, é a literatura uma forma de mudança do mundo, de aquisição de mundos alternativos em mídia da ficção. É exatamente esta realidade alternativa que é o específico do monoteísmo bíblico." (ASSMANN, 2005, 12). Nesta sistematização ficcionalizada da vida, o próprio personagem central, Deus, assume a intensidade da narrativa e a variedade dos humores e das condições das relações.

Assim como a literatura, o monoteísmo significa ruptura, não continuidade, significa deixar vir à escritura aquilo que não é ouvido, o novo radical e o Outro. A grandiosa história, à qual os livros bíblicos dão forma sobre a presença do ser humano no mundo, é indubitavelmente a arte narrativa mais impressionante produzida pelo ser humano: a história do acordo divino com um povo escolhido, ao mesmo tempo em que isto é construído na forma de um acordo matrimonial, recortado com compromissos para ambos os lados. Aí se instauram as grandes tramas dos personagens.

O monoteísmo narrativo, uma história de Deus e de um povo, é uma forma de poesia do mundo refinada que vai desde a criação até o fim do mundo. A verdade desta história reside exatamente em sua ficcionalidade. O Deus da Bíblia não é o Deus verdadeiro, que permanece de forma transcendental para além das histórias e dos anúncios, mas um quadro, uma referência, uma ação que alterna entre a intensidade do fazer e a intensidade do silêncio. O quadro é verdadeiro, pois ele é a representação da relação que o ser humano estabelece com ele, uma relação que destaca a extensão que o próprio ser humano é do quadro que ele tem como verdadeiro. A fala de Deus fala não de Deus, mas do ser humano e da relação que este ser humano estabelece com este Deus, o seu Outro e seu quadro e o si-mesmo. Hans-Peter Schmidt vê o sentido de proibição de imagem não na frase: "Não debes fazer imagem para ti", porque nos é impossível uma verdade sem imagens, mas no sentido, "tu não debes ver o quadro como a coisa em si". Em sua literatura o povo judeu libertou-se de seus opressores e possuidores, se escreveu para sair da casa do Egito e se inscreveu na lei, na Torá, que liberta todos os seres humanos da opressão, pois possibilita sua inscrição em formas alternativas de ligação e relação.

Literatura é neste sentido da ficção que cria novos espaços da convivência e da realização pessoal. A ficção não tem a ver, porém, com o que é chamado desde o século XVIII como as Belas Letras no sentido do estético como uma esfera de valor à parte de todas relações pragmáticas da vida, como se fosse uma realidade autônoma. Como um instrumento da conquista do distanciamento e da emancipação, a literatura é um empreendimento extremamente vinculador e normativo, não primeiramente em Israel, antes na Mesopotâmia, no Egito e na Grécia. Neste contexto são colocados os fundamentos do ser humano e da convivência humana. Estes textos foram aprendidos de forma dedicada e transformados em forma de condução da vida. O que aconteceu no campo da religião com a escritura é algo, porém, novo no contexto de Israel. Esta transformação aponta para uma nova concepção do que é escritura e literatura, visto que a escritura é acompanhada de certo tabu, o que proíbe a adição ou exclusão de elementos. Até mesmo os detalhes da escritura são vistos como palavra de deus, como sagrada escritura, como verdade revelada. Da literatura surgiu a religião, uma nova forma de religião, da imagem surgiu a coisa em si, da ficção emergiu o definitivo, a escritura se tornou prescrição que aponta para a plenitude tanto na vida individual quanto na vida de sociedade.

É indubitável encontrar nestas reflexões uma rica fenomenologia do literário, visto que os livros bíblicos a isto estimulam, mesmo que isto fique restrito a Torah. Existe uma arte da significação nos textos bíblicos, de forma tal que a história pode ser ouvida e lida diversas vezes, suas falas rememoram e incomodam, seus silêncios e suas frases evocam a reescritura e o recontar. A arte da significação e a arte da abstração estão juntas e tornam o leitor/ouvinte alguém em profundo processo de reescrever, recontar e rememorar, ao mesmo tempo que projetam para novas leituras. A arte da significação evoca a interpretação ininterrupta.

À medida que a religião absoluta ganhou em forma e valor, o aspecto literário dos livros, que se tornaram a Bíblia, perdeu em vigor e importância. À medida, porém, que a reivindicação ao absolutismo mais e mais perdeu seu poder de convencimento, seja pela pluralidade da religião, seja pela desconfiança e crítica iluminista, de forma crescente o aspecto literário ganhou em importância. Já Johann David Michaelis na Inglaterra e Gottfried Herder na Alemanha no século XVIII descobriram a Bíblia como literatura e trabalharam antes de tudo pela qualidade estética do texto e por sua capacidade de ser referência para o processo de reescritura ocidental, ao mesmo tempo em que viam nisto uma das características fundamentais das religiões monoteístas. Com a superação da visão exegética do texto, novas possibilidades de interpretação foram sendo articuladas, inclusive a relação do texto bíblico com a literatura e o texto bíblico como literatura.

Conclusão

Indubitavelmente os autores apresentam divergências importantes em sua interpretação da Bíblia como literatura. Se Harold Bloom louva a javista como gênio literário, algo que do ponto de vista da exegese é absolutamente questionável, outros, como Hans-Peter Schmidt e Jack Miles não estão preocupados com uma visão parcial do texto, antes vêem na polissemia do texto um aspecto fundamental de sua dimensão literária, ainda que tenha uma continuidade inquestionável na força dos personagens.

É uma rica tradição literária em que alguém escreve o que diz o que alguém disse e aconteceu depois que alguém escreveu o que foi dito. Tudo isto dentro de um forte espírito religioso, em estilos literários próprios, longe da idéia que a ficção é mentira, antes a única forma em imagem e narrativa possível para lidar com a verdade do divino e do humano, algo que sempre resultará no fracasso dogmático em absolutizar as interpretações.

Referência Bibliográficas

- [1] ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, 285p.
- [2] ASSMANN, Jan. *Die Mosaische Unterscheidung. Oder der Preis des Monotheismus*. München, 2003, 286p.
- [3] AUERBACH, Erich. *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2004, 507p.
- [4] BLOOM, Harold. *O Livro de J*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, 364p.
- [5] BLOOM, Harold. *Jesus e Javé. Os nomes divinos*. São Paulo: Objetiva, 2006, 274p.
- [6] FRYE, Northrop. *Código dos Códigos. A Bíblia e a Literatura*. São Paulo: Boitempo, 2004, 293p.
- [7] GROSSMAN, David. *Mel de Leão. O mito de Sansão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, 131p.
- [8] MAGALHÃES, Antonio. *Deus no Espelho das Palavras*. Teologia e Literatura em Diálogo. São Paulo: Paulinas, 2000, 213p.
- [9] MILES, Jack. *Deus. Uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, 497p.

[10] SCHMIDT, Hans-Peter. *Schicksal – Gott – Fiktion. Die Bibel als literarisches Meisterwerk*. Paderborn: Schöningh, 2005, 167p.

[1] Antonio MAGALHÃES, Professor Doutor da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, na Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade e no Departamento de Filosofia e Ciências Sociais. magalhães.uepb@gmail.com

[2] Naturalmente há toda uma discussão sobre a plausibilidade de se trabalhar com as chamadas escolas teológicas, muito usadas no passado para interpretar os textos da Bíblia Hebraica. Mas não é este o ponto central aqui. O mais importante é pressupor a Bíblia como literatura e alguns dos seus trechos como grande literatura ocidental e universal. Se existiu ou não a javista da forma como Bloom defende é algo secundário.